

O CONSUMO DE ÁLCOOL POR TRABALHADORES OFFSHORE

*Julha Carla Rangel França Santos de Souza*¹, *Erica Henrique Ribeiro de Andrade*², *Patrícia Constantino*³

RESUMO

SOUZA, J.C.R.F.S.; ANDRADE, E.H.R.; CONSTANTINO, P. O consumo de álcool por trabalhadores offshore. **Perspectivas Online: Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 12, n.35, p. 38 – 56, 2022.

As condições de trabalho offshore provocam sérios danos à vida psíquica e emocional dos indivíduos que desenvolvem essas atividades. O presente estudo tem como objetivo refletir sobre alguns aspectos do trabalho offshore e o alcoolismo através das vivências do trabalhador. Em função da relevância deste ramo de trabalho na cidade de Campos dos Goytacazes e da carência de mais estudos nessa direção, pode-se afirmar a importância desta pesquisa. Para a elaboração deste estudo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo com a realização de entrevista semiestruturada. A investigação foi realizada tem como público alvo os trabalhadores offshore que reconhecem a

experiência com o uso abusivo de álcool. Verificou-se que este seguimento laboral é marcado por condições específicas de trabalho que podem colocar o indivíduo a uma situação de vulnerabilidade ao consumo nocivo de álcool. Os discursos dos entrevistados apontaram o setor offshore como um elemento potencializador ao aumento da ingestão de álcool. Esse estudo sugere a ampliação da contribuição de profissionais de psicologia para esforços empreendidos com trabalhadores que vivenciam de alguma forma a realidade offshore.

Palavras chaves: *trabalho offshore, alcoolismo, saúde do trabalhador.*

¹Graduada em Psicologia

²Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense/UENF e Professora de Psicologia do ISECENSA.

³Pós-Doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública/ENSP/FIOCRUZ

*E-mail: ericahribeiro@yahoo.com.br

ALCOHOL CONSUMPTION BY OFFSHORE WORKERS

*Julha Carla Rangel França Santos de Souza*¹, *Erica Henrique Ribeiro de Andrade*², *Patrícia Constantino*³

ABSTRACT

SOUZA, J.C.R.F.S.; ANDRADE, E.H.R.; CONSTANTINO, P. Alcohol consumption by offshore workers. **Online Perspectives: Applied Human and Social**, v. 12, n.35, p. 38 – 56, 2022.

Offshore working conditions cause serious damage to the psychic and emotional life of individuals who develop these activities. The present study aims to reflect on the relationship between aspects between offshore work and alcoholism through the worker's experience. Due to the relevance of this line of work in the city of Campos dos Goytacazes and the lack of further studies in this direction, the importance of this research can be stated. For the preparation of this study, bibliographic research and field research were used, with semi-structured interviews. The

investigation was carried out with the target audience of offshore workers who recognize the experience with alcohol abuse. It was achieved that this work segment is marked by specific working conditions that can put the individual in a situation of vulnerability to harmful alcohol consumption. The interviewees' speeches pointed to the offshore sector as a potential element to increase alcohol consumption. This study suggests an expansion of the contribution of psychology professionals and related areas in their efforts towards workers who somehow experience the offshore reality.

Key words: Offshore work, alcoholism, worker's health.

¹Graduate in Psychology

²Master in Cognition and Language at Universidade Estadual do Norte Fluminense/UENF and Professor of Psychology at ISECENSA.

³Post-Doctorate in Public Health by the National School of Public Health/ENSP/FIOCRUZ

*Email: ericahribeiro@yahoo.com.br

Receipt date: 04/30/2020. Accepted for publication: 04/18/2022. Publication date: 04/18/2022

1- INTRODUÇÃO

O mundo organizacional encerra uma série de desafios que demandam um olhar pormenorizado de distintas áreas do conhecimento. Dentre elas, a Psicologia, tem escolhido debruçar-se sobre algumas destas celeumas capazes de neutralizar ou menos prejudicar o desenvolvimento humano no âmbito das organizações.

O presente artigo trata da descrição dos resultados de uma pesquisa desenvolvida com objetivo de refletir sobre a relação entre o trabalho offshore e o alcoolismo, considerando a experiência do trabalhador e o consumo nocivo de álcool. Buscou-se analisar as características do trabalho offshore e identificar aspectos que contribuem para este consumo. Esta discussão mostra-se relevante para as organizações que possuem interesses relacionados a saúde do trabalhador, e pode favorecer também ao aperfeiçoamento de profissionais de psicologia e outras áreas que de alguma forma aplicam seus conhecimentos a realidade do trabalhador offshore.

No que diz respeito a relação entre o trabalhador e sua organização, estudos apontam para a importância do respeito à vida e à saúde do trabalhador resguardando-o em aspectos como: sua segurança no ambiente de trabalho, o tempo destinado ao descanso, e outros elementos que possam repercutir na vida do colaborador como um todo (VIDAL,2014). Todavia é possível perceber, que ainda grande parte das organizações não encontram-se preparadas para lidar com os colaboradores que precisam de ajuda e que de alguma forma vivenciam sofrimentos relacionados ao trabalho. (SILVA,2016).

A prática de exploração de petróleo do mar por exemplo, é normatizada pela lei 5.811/72, por isso, as plataformas possuem especificidades quanto a remuneração, períodos de trabalho, período de descanso, que configuram o trabalho offshore. Os trabalhadores offshore estão sob condição de confinamento, isolados pelo mar, convivência com uma série de restrições, e se movimentando em um espaço de constante risco. (RODRIGUES 1998 apud MOREIRA; FERREIRA & NASCIMENTO, 2016).

O presente estudo nasceu da tentativa de estabelecer uma reflexão que envolva o consumo abusivo de álcool e o trabalho offshore. Por meio da metodologia escolhida o objetivo foi acessar elementos do cotidiano do trabalho offshore, bem como identificar os aspectos destas características laborais que contribuem para o consumo abusivo de álcool pelos trabalhadores.

Tanto para economia internacional quanto para a economia local, a saber, o Estado do Rio de Janeiro e a cidade de Campos dos Goytacazes, aborda o trabalho offshore como um campo laboral estruturante e de grande impacto social, o que justifica os investimentos de ampliação de compreensão desta realidade.

2- METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo configura-se pela pesquisa qualitativa. Como base da pesquisa de campo realizada, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica a partir de obra físicas e de artigos científicos, teses e dissertações disponíveis no Google. Utilizou-se a técnica dos estudos de caso, por meio de entrevista semi-estruturada, a partir de um roteiro composto por sete perguntas cujo foco foi a prática de trabalho do sujeito de pesquisa e sua relação com o uso nocivo de álcool.

A amostra foi composta por dois indivíduos maiores de dezoito anos de idade que exercem o trabalho offshore e fazem ou já fizeram uso abusivo de álcool concomitante a sua atividade profissional. O número reduzido de sujeitos deve-se à dificuldade em encontrar trabalhadores do setor offshore que se coloquem disponíveis a falar sobre sua experiência com o consumo de álcool.

Dois critérios foram aplicados para selecionar de maneira mais específica estes sujeitos: que o trabalho offshore esteja sendo ou tenha sido desenvolvido em plataforma de petróleo, e o consentimento em participar de pesquisa a ser divulgada em meios acadêmicos.

Os aspectos éticos para realização desta investigação foram assegurados pela submissão e aprovação da pesquisa ao comitê de ética e pesquisa com seres humanos. Para melhor apresentação dos dados decidiu-se nominar os entrevistados com nomes fictícios, a saber Paulo para o primeiro entrevistado, e Lucas para o segundo. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas através da técnica de análise de conteúdo segundo Bardin (1979).

O entrevistado Lucas é mecânico industrial e atua numa plataforma de perfuração, manuseando ferramentas na área externa, com escala fixa. O entrevistado Paulo, também de formação técnica na área, embarca em plataformas, com escalas não-fixas, mas já atuou em navios.

3- RESULTADOS

Os dois sujeitos entrevistados assinaram o Termo de Consentimento contido no Projeto de Pesquisa aprovado pelo CEP/ISECENSA (CAAE: 91548418.1.0000.5524). As entrevistas abordaram aspectos de sua experiência como trabalhadores offshore e a presença do consumo abusivo de álcool como pano de fundo dessa experiência. Nos discursos pôde-se perceber que algumas falas se assemelham quanto as particularidades do trabalho offshore e outras se diferem diante da experiência singular que foi apresentada por cada um durante a entrevista.

A entrevista de Paulo

Paulo trabalha no setor offshore há sete anos e aceitou prontamente ao convite para participar da pesquisa, mostrando-se sempre voluntário e desejoso em contribuir com a investigação. Indagou-se ao entrevistado quanto ao período em que iniciou seu

consumo de álcool com a intenção de identificar se antes da inserção no ramo offshore havia ocorrido algum contato com a substância. A resposta obtida aponta a idade de 15 a 16 anos como o primeiro contato com o álcool. O entrevistado afirma que não ter feito um planejamento para aplicar os proventos dessa nova profissão também contribuiu para que parte significativa desses valores, fossem utilizados no consumo de álcool.

“...aí do nada você ganha 5000 reais. E eu morando com minha mãe em Atafona ainda, não pagava nada, nem luz. Então é meio que você fica com bastante dinheiro e sendo novo, fica meio sem saber o que fazer...”

Paulo acredita que o uso de álcool funcionou como um elemento compensador devido às privações que fora acometido nos períodos de embarque. Lembra-se que já chegou a ficar cinquenta dias no mar, no período de verão. Diz ao olhar as fotos das pessoas em suas redes sociais curtindo a estação sua mente o levava a um único pensamento: “... ah quando eu desembarcar eu vou acabar com o planeta...”(risos).

Ao longo da entrevista compreendeu-se que era importante avaliar o nível de satisfação do trabalhador com sua atividade laboral, uma vez que pesquisas apontam diversas consequências para a saúde do trabalhador, dentre as quais o estresse, quando da insatisfação com o trabalho em si ou cima organizacional. (MARQUEZE E MORENO,2005)

Em sua fala foi-nos sendo apresentada uma lista com vários descontentamentos referentes ao trabalho offshore. O fato de não ter escala fixa, dividir o quarto com pessoas desconhecidas, e o tipo de alimentação durante o embarque, figuraram na descrição. Paulo queixou-se ainda, da restrição a atividades de lazer e, em alguns navios ou plataformas, a inexistência de formas básicas de comunicação e informação como a televisão e a internet.

“...Já fiquei uns quase 2 meses embarcado sem telefone, sem internet e sem televisão. A sorte que eu levei um livro. Não podia ligar pra casa, não tinha internet pra conversar...Então a internet, ou ter um telefone pra ligar, é uma válvula de escape. Lá em cima tem pouca opção de entretenimento...”

No que se refere ao aspecto do confinamento ocasionado pelo trabalho offshore, o discurso de Paulo apontou para o prejuízo desta restrição, sobretudo o efeito negativo da aglutinação entre o ambiente laboral e o ambiente de descanso, transformando-os em um só.

“...mas é porque você trabalha e fica confinado ali. Você acaba seu trabalho, quer tomar banho e continua no seu local de trabalho ali. Você janta e continua no seu local de trabalho...”

O fator de risco foi outro aspecto mencionado. Estar em um estado de alta periculosidade, tanto no momento de embarque como no período em que se encontra abordo, aumentava sua sensação de estresse e desgaste emocional.

“...E outra coisa também que eu acho arriscado, questão de você ter que trabalhar de helicóptero. Todo mundo sabe, já teve caso do helicóptero tipo, parar de funcionar no meio de mar..., mas eu sei, que é extremamente perigoso, já acordei de madrugada quando tocou o alarme e tive que ir para o ponto de encontro lá, era 3 horas da manhã. E estava chovendo. Eu fui e olhei o mar, tava tudo escuro, fiquei pensando caramba se eu tiver que abandonar a plataforma, foi um alarme de incêndio...” (sic)

O fato de embarcar não somente em plataformas, mas também em navios, fazia com que o entrevistado passasse longos períodos em confinamento, principalmente em navios, pois chegavam a completar mais de 30 dias navegando. A sensação de descompasso com a sociedade, também foi um fator apresentado por Paulo, como sendo de forte impacto mesmo quando o embarque já havia terminado.

“...passei quase 50 dias navegando direto... você não vê um jogo, não vê nenhum jornal. Não sabia o que estava acontecendo aqui fora. Fica bem desconectado mesmo...Demora uns dois dias assim pra você voltar ao normal. Porque lá a rotina é tão igual, você toma café igual, acorda sempre no mesmo horário. Faz tudo no mesmo lugar. Aí passa 1,2,3 semanas você fica meio robotizado...”

Segundo Paulo não ter escala fixa, impunha que o trabalhador ficasse “à disposição” da empresa, podendo embarcar a qualquer momento. Isto implicava que seus dias de folga fossem interrompidos por uma solicitação inusitada da empresa. Esta condição de trabalho privava o trabalhador o benefício do planejamento de suas atividades em terra. Nesta direção Paulo mencionou um episódio em que chegou a embarcar embriagado.

“...Já aconteceu de eu embarcar bêbado, por eu sair e não sabia que ia embarcar, eu fui pra balada, aí 7,8 horas da manhã o telefone toca, e aí eu fui mesmo sem saber direito se era sonho ou era verdade mas fui...”

No que se refere ao impacto do consumo de álcool nas questões profissionais, indagou-se ao entrevistado, se o uso que faz do álcool afeta, ou afetou no passado, de alguma forma, sua atividade em si, ao que respondeu que seu consumo de álcool não acarreta interferências no exercício de sua prática laboral. Isto teve uma conotação paradoxal aos pesquisadores uma vez que em minutos anteriores a esta pergunta o trabalhador ter mencionado um episódio em que embarcara sob o efeito do álcool.

“Eu acho que não. Porque tipo eu não vejo que era assim, alcoolismo. Eu bebia bastante, mas não acho que era doentio...Não era a dependência química, era só aquele uso abusivo de beber bastante. E sair e beber bastante e ficar bêbedo. Mas não acho que era doença...”

Sobre a existência de aspectos do trabalho offshore geradores de estresse, Paulo mencionou que os problemas de relacionamento com os demais indivíduos a bordo, fazem parte do conjunto de causas que ampliam o mal estar do embarque. Segundo o trabalhador, a questão não é a relação em si, mas o confinamento, e o estresse que o mesmo acarreta aos colegas em geral. O entrevistado revela que na maior parte dos embarques que realizou até o momento ocorreram situações estressantes entre os

colegas, e isto fez com que ele desejasse desembarcar antes de concluir o trabalho. Critica o excesso de hierarquias no segmento e afirma que uma boa conversa ainda é a melhor forma de aliviar essa tensão. Diante destas tensões relacionais, o entrevistado acredita que conversar ainda é uma boa forma de proporcionar alívio às pressões.

Com o objetivo de compreender como Paulo se sentia nos momentos que antecediam o embarque, indagou-se a respeito do que no senso comum ficou conhecido como a tensão pré-embarque, diante do qual foi possível perceber que o trabalhador apresenta mudanças bruscas no humor.

“Ah cara, pra mim já acaba... tipo se me ligarem e falarem assim oh você vai embarcar sexta-feira, aí pronto, pra mim acabou já, já fico de mau humor. aí me dá vontade de embarcar logo, porque aí já quero ficar livre... Quando me avisam eu já arrumo minha bolsa e fico aguardando chegar. Não tenho vontade de sair com a galera pra distrair, eu já fico logo de mau humor...”

Em dado momento da entrevista, indagou-se sobre os possíveis prejuízos vivenciados pelo trabalhador em função do uso de álcool. Diante disso, obteve-se como resposta, relatos de prejuízos materiais e familiares importantes.

“Em relação a pessoa...só a minha mãe, porque eu dei muita dor de cabeça pra ela por chegar bêbado em casa. E acho que nenhuma mãe gosta..., mas tive prejuízo material, porque era um gasto excessivo. Tipo num bebia só pra suprir... Então gastei muito dinheiro... E também em relação ao carro, porque eu usava o carro da minha mãe, e já peguei várias vezes ele bêbado e já arranhei carro, quebrei retrovisor em poste e tal”.

Quando Paulo iniciou sua trajetória de embarques ele já fazia uso de álcool, todavia o padrão de ingestão era meramente recreativo tanto no que tange a quantidade ingerida, quanto à recorrência de ingestão. Todavia o estilo de vida adotado quando da inserção do mundo offshore e várias características do trabalho em si, apareceram no discurso do entrevistado como elementos de influência para que esse padrão de uso de modificasse.

A Entrevista de Lucas

Ao ser convidado a participar desta pesquisa, Lucas se mostrou interessado em contribuir para este estudo através do relato de sua experiência. Pode-se ver que o trabalhador atua no setor offshore há aproximadamente oito anos. Em seguida afirmou que seu contato com o álcool, foi anterior à sua experiência como trabalhador offshore.

Ao falar sobre sua modalidade de consumo de álcool, Lucas afirma que atualmente bebe com baixa frequência, mas ressalta que em períodos anteriores, seu consumo de álcool chegou à cinco vezes na semana.

“...Hoje em dia eu tenho menos frequência antes eu bebia com mais, bebia 4 a 5 vezes na semana, hoje em dia eu bebo uma, duas vezes no máximo... acho que minha frequência diminuiu bastante...”

Lucas atribuiu sua diminuição do consumo de álcool ao seu casamento, pois sua esposa havia sinalizado sobre seu uso demorado de bebidas alcoólicas. Este excesso acabou sendo o responsável por uma série de problemas familiares, mas ainda assim, Lucas reconhece que quando começava a beber perdia o controle e sentia o desejo de parar de beber, o que tipificava um uso compulsivo do álcool.

“...Já tive época casado que minha esposa chegou a comentar em relação a que quando eu bebo demais, eu acabo esquecendo de casa, da família, porque já começa a ficar um negócio sem limite, quando começa não dá vontade de parar já passei por essa fase entendeu?...E na verdade hoje em dia eu tô menos pior devido a eu optar uma relação com ela...”

Lucas relatou que em dado momento de sua vida, percebeu que seu consumo de álcool afetava de alguma forma as pessoas a sua volta, diante disso, precisou refletir sobre quais as mudanças em seu comportamento poderiam proporcionar melhorias em sua convivência com as demais pessoas.

“...E como eu comecei já a afetar outras pessoas, por isso que hoje eu me identifico melhor...eu comecei analisar melhor isso daí, eu passei a reduzir isso...não tava sendo legal, eu não vou viver sozinho, então eu preciso me doutrinar até pra viver melhor com as outras pessoas...”

Com o objetivo de compreender os impactos do uso de álcool na vida de Lucas, questionou-se a respeito dos prejuízos identificados como decorrentes ao consumo de álcool. O entrevistado respondeu a esta questão descrevendo dois prejuízos imediatos: o seu relacionamento conjugal e o aspecto financeiro.

“Hoje o meu consumo de álcool me dá prejuízo sim, principalmente na vida conjugal, por isso que em relação aos excessos eu venho amenizado bastante, porque a vida pessoal e a conjugal anda afetando bastante...Financeiro também, principalmente hoje, é o lado financeiro...”

O entrevistado relatou um estado de vigilância faz com que ele não se sinta livre a frequentar lugares em que o consumo de álcool está em evidência, sendo assim, evitar locais como bares e se manter ocupado, tem servido de estratégia para manter-se distante do padrão de consumo nocivo da substância.

“...Não tem como eu me posicionar que eu me sinto livre, eu me sinto tranquilo de ficar dentro de um bar conversando e ficar sem beber cerveja, até o momento eu ainda não consegui essa tranquilidade... Então como eu quero beber, é melhor tá dentro de casa, procurando algo pra fazer, estudando, ou lavar um carro, ou fazer um quintal...”

Para compreender possíveis relações entre o consumo de álcool e o trabalho offshore, indagou-se ao entrevistado se o mesmo percebia uma associação entre esses dois universos. A resposta foi afirmativa, com a menção de alguns fatores específicos do trabalho que, segundo o trabalhador, funcionam como elementos contributivos para que o indivíduo ao desembarcar busque o álcool como um recurso aliviador das sensações provocadas neste período. Dentre estes elementos o entrevistado destacou o confinamento, o estresse e a sensação de tempo perdido durante o embarque.

“...Eu acho que tem haver... se for um trabalho mais estressante... Porque assim você já fica confinado ne, a pessoa fica um tempo confinado então se for pensar os finais de semana a pessoa já perdeu dois... Aí na hora que tira um tempo de lazer quer beber, aí vem o excesso ou algo assim. Já bebe com mais frequência, ou pensa que já perdeu 14 dias né?...”

Sobre o estresse singular do trabalho offshore Lucas descreveu algumas de suas ações, funções abordo, e as pressões peculiares a esta realidade. Ele afirmou que sua prática de trabalho requer agilidade, pois há um rigor quanto ao tempo em que cada tarefa deve ser executada.

Lucas acredita que este nível de estresse, pode estar relacionado à busca pelo consumo de álcool nos momentos de desembarque.

“Devido ao estresse de embarque, aí com isso usa mais o tempo livre pra se divertir e por isso bebe mais por causa do próprio estresse de trabalho...”

Era importante neste momento, aferir a percepção do trabalhador a sobre o quanto sua prática profissional pode ter sido afetada pelo consumo de álcool. Lucas acredita que em nenhum momento isto ocorreu, pois durante o trabalho, mantinha-se focado às questões profissionais.

“...Não...Quando eu chego lá, eu foco no que eu vou fazer, em chegar lá fazer o que precisa, e o que sou determinado a fazer, e voltar com segurança para casa. Em momento algum eu misturo ou nunca me afetou em relação a isso não.”

4- DISCUSSÃO

Ao avaliar o material obtido ao longo das entrevistas foi possível identificar aspectos que se repetiram nos discursos dos entrevistados que, após uma primeira leitura do material, sugerem a organização de três unidades de análises que serão apresentadas nesta discussão.

4.1 Características do trabalho offshore

O trabalho offshore envolve condições específicas que atuam diretamente sobre a vida do trabalhador. Esta afetação diz respeito não apenas a prática de trabalho, mas também em toda sua dinâmica de vida. Para Antonioli et al. (2015) a atividade em alto-

mar faz com que o trabalhador entre em contato com situações que ameaçam a sua saúde e segurança, uma vez ser um ambiente que há constante risco de acidental-se ou adoecer em função do trabalho, sobretudo no que diz respeito estado psíquico e emocional do trabalhador.

O alto índice de periculosidade foi um fator de risco considerado por Paulo como uma constante preocupação no período em que se está embarcado, “...eu sei a todo momento que tem um risco...que é extremamente perigoso”.

Neste sentido a atuação do setor de segurança do trabalho no ramo offshore, pode funcionar como um elemento favorecedor a um espaço vital de maior estabilidade emocional. Trata-se do esmero deste setor no investimento de melhores garantias de segurança bem como na divulgação dos níveis de segurança assegurados. Todavia percebeu-se que o contrário também pode ser verdadeiro, ou seja, a pouca compreensão do colaborador acerca de sua segurança neste trabalho, ou mesmo sua percepção de que sua segurança é menor do que deveria ser, pode funcionar como um elemento propulsor de instabilidade e vulnerabilidades emocionais.

Moreira, Ferreira e Nascimento (2016), acrescentam que é devido a exposição de grandes fatores de riscos presentes nas plataformas e navios que as corporações buscam alertar os trabalhadores offshore a respeito dos procedimentos de segurança do trabalho e sua importância.

Segundo Pereira (2004) apud Targueta, et al. (2014), as orientações aos trabalhadores sobre as condições e procedimentos de segurança são fundamentais para qualidade do trabalho e preservação da integridade dos trabalhadores.

O confinamento aparece como uma das características principais do trabalho offshore. Lucas mencionou este aspecto como um fator que incita ao estresse no período embarcado.

E Paulo faz menção ao confinamento como um elemento que o coloca frente aos problemas de trabalho constantemente “porque só problema, só problema... e nem se eu quiser bater o pé, e falar assim ah já chega quero ir para casa, não pode...” Uma interferência possível aqui, é que uma “trégua de estresse” que o trabalhador regular experimenta quando finda o dia, ocorre principalmente quando esse sujeito consegue estar em casa com sua família. No caso do trabalhador offshore, esta “trégua de estresse” pode ficar bastante comprometida, uma vez que o lugar de descanso e o lugar de trabalho, durante o embarque são o mesmo lugar.

Isto está adequado a concepção de Figueiredo (2015), quando o mesmo afirma que o confinamento o qual o trabalhador offshore está submetido na sequência mínima de 14 dias, o coloca em contato contínuo com os problemas existentes no trabalho. Para este autor os trabalhadores que tem uma prática de trabalho clássica de suas atividades laborais, voltando para suas casas após a atividade de trabalho, podem relativizar algumas tensões, estabelecendo um distanciamento saudável do ambiente de trabalho.

Segundo Rodrigues (1998) apud Moreira, Ferreira e Nascimento (2016), os trabalhadores offshore estão sob condição de confinamento, isolados pelo mar, diante de uma série de restrições e se movimentam em um espaço de constante risco.

De acordo com Carvalho (2010), pode-se dizer que o aspecto confinamento, não é estritamente devido ao espaço físico em que os trabalhadores então submetidos, e sim a toda condição de trabalho que os deixam afastados de maior convívio social em determinado período.

Ficou evidente nas entrevistas que o convívio social dos entrevistados torna-se restrito as pessoas que estão embarcadas, numa configuração prioritária de relacionamento profissional. Paulo afirma que os relacionamentos podem apresentar conflitos e o fato de estar embarcado o coloca em contato diário com o indivíduo com quem muitas vezes ocorreu um imenso desgaste. “você tem um cara da sua equipe e briga com ele... você vai tomar café com ele, está 24 horas com ele.”

Segundo Spagnol et al. (2010), os conflitos estão presentes no ambiente profissional em função da convivência entre os indivíduos diante de situações como falhas na comunicação, disputa de papéis e equívocos quanto as atribuições de trabalho.

Um elemento importante a destacar é que o espaço que envolve o ambiente social e o ambiente físico são os mesmos que o espaço laboral, diante disso, o tempo de descanso do trabalhador pode ser compreendido como insuficiente, uma vez que quer trabalhando quer descansando estará sempre no mesmo lugar. Este um elemento de insatisfação trazido por Paulo: “você acaba seu trabalho, quer tomar banho e continua no seu local de trabalho ali, você janta e continua no seu local de trabalho...”

Para Figueiredo (2012) apud Maders e Coutinho (2017), ainda que o indivíduo esteja em seu período de descanso embarcado, há uma série de ações e regras de conduta específicas nas quais devem ser respeitadas nos espaços físicos a bordo. O que não permite ao trabalhador uma total liberdade no momento em que está fora de seu horário de trabalho.

Estima-se que ao sentir-se positivamente adaptado às condições de trabalho e vislumbrar os benefícios da manutenção deste trabalho até a aposentadoria, um trabalhador com problemas com o álcool pode encontrar nesta estabilidade motivação para buscar ajuda e manter-se sóbrio.

Observe-se que Paulo afirma constantemente sua insatisfação com o trabalho offshore o que o leva sempre a pensar em outras alternativas de trabalho futuro, “...eu não gosto ne, não é uma coisa que eu queira pra mim futuramente... eu to até fazendo faculdade para ver se eu não fico refém desse ramo offshore”.

Além dos aspectos relacionados ao confinamento, existem outros fatores que podem afetar o trabalhador, como por exemplo a carga horária de trabalho durante o embarque. Costa et al. (2018), afirmam que o trabalho exercido por turno pode gerar impactos na qualidade do sono e interferir negativamente no bem estar do trabalhador.

Segundo a pesquisa realizada por Maders e Coutinho (2017), ainda que o tempo de descanso seja destinado à restituição de forças para retornar ao trabalho, durante o período embarcado, o indivíduo tem grandes probabilidades de ser acometido por uma série de sentimentos como ansiedade e estresse.

O sentimento de descompasso com a sociedade, foi um elemento apontado por um dos entrevistados. Para Paulo uma grande dificuldade está em retomar sua rotina no momento que se encontra desembarcado, “Fica bem desconectado mesmo...Demora uns dois dias assim pra você voltar ao normal”.

Uma noção fantasiosa de tempo, seria um exemplo deste fenômeno. Para Coelho e Paparelli (2010) apud Maders e Coutinho (2017), o trabalhador offshore, tem uma percepção diferenciada a respeito do tempo, devido a intensidade do trabalho e ao ciclo de embarque.

Moreira, Ferreira e Nascimento (2016), complementam esta ideia, quando afirmam que, é devido a relação acentuada com o trabalho, que os trabalhadores possuem uma noção sobre o tempo cronológico distinta. De acordo com os autores, isto os leva a sensação de que todos os dias embarcados são como a segundas-feiras, e todos os dias desembarcados tornam-se finais de semana.

Pode-se perceber através da fala de um dos entrevistados, que manter-se focado nas questões profissionais no período em que se encontra embarcado, contribui para adaptação no tempo em que estiver abordo. Ou seja, no caso de alguns trabalhadores, para proteger-se dos sentimentos e pensamentos pertinentes as condições de trabalho, a solução que lhes parece viável é a de trabalhar mais, ou manter sua mente tendo o trabalho como foco contínuo. Uma das consequências desta sobrecarga, no que se refere a pensar no trabalho, é o que ficou conhecido como a *tensão pré-embarque*, diante da qual esse mesmo entrevistado relatou uma ausência de desejo em realizar atividades de lazer mesmo estando no convívio da família ou entre amigos fora do confinamento.

Foi diante da exposição aos efeitos da tensão pré-embarque, que Paulo mencionou a ausência de desejo em realizar atividades de lazer. A inferência, neste aspecto, é que ao ser informado pela empresa quanto ao embarque, ou mesmo ao dar-se conta que a data do embarque se aproxima, simbolicamente o desembarque acaba, o descanso chega ao fim, os dias subsequentes se perdem até o momento de entrar novamente em regime de embarque. “quando me avisam eu já arrumo minha bolsa e fico aguardando chegar...não tenho vontade de sair com a galera pra distrair, eu já fico logo de mau humor...”

Desta forma, sobre todos os estressores do período do embarque, é possível dizer que eles podem ser potencializados, em função de uma chegada à plataforma que já se dá com este pano de fundo emocional anterior ao embarque em si.

4.2 Experiência do trabalhador com o consumo de álcool

Ambos os trabalhadores iniciaram o uso de álcool antes de sua inserção no ramo offshore, tendo intensificado após a contratação. Pela descrição de Lucas sobre como ocorria seu consumo de álcool, identificou-se uma aderência ao que está registrado no DSM-V para Transtornos por uso de substâncias, com episódios de ingestão de 4 a 5 vezes na semana. A frequência do consumo relatado por Paulo era semelhante à de Lucas. Paulo consegue considerar que sua relação com o álcool apresentava um caráter abusivo, mas não o reconheceu em termos de uma dependência da substância, o que é típico do alcoolismo. “era só aquele uso abusivo de beber bastante... porque tipo eu não vejo que era assim, alcoolismo...”

Goto, Couto e Bastos (2013) apud Lopes et al. (2015), explicam esta percepção de Paulo, ao esclarecer que o indivíduo que faz uso nocivo álcool geralmente apresenta dificuldades em reconhecer seu consumo como doença.

Requião (2014) afirma que o uso abusivo de álcool, refere-se ao consumo que proporcione algum dano ao indivíduo, no que tange a saúde mental ou física, como também complicações em sua vida social.

Os trabalhadores afirmaram um uso perigoso de álcool experienciado já durante a função offshore. Ambos os entrevistados também destacaram que mais recentemente conseguiram reduzir o consumo de álcool. Paulo não apresentou uma explicação para esta diminuição, mas Lucas atribuiu sua redução do uso de álcool ao fato de sua esposa ter sinalizado que o mesmo bebia demasiadamente. Percebe-se que a companheira de Lucas exerceu um papel importante para a conscientização dele no que se refere ao seu consumo de álcool.

A pesquisa realizada por Brites e Abreu (2014), revela que muitas vezes são os prejuízos das pessoas a sua volta, que mobilizarão o usuário de álcool a rever seu padrão de consumo. Isto ocorre, segundo os autores, porque nem sempre o sujeito percebe seu comportamento como prejudicial a si mesmo. Sendo assim, pode ocorrer de um algum membro da família desenvolver o papel de conscientização do indivíduo sobre o problemático uso nocivo de álcool, oportunizando a busca por ajuda.

Lucas relatou que encontra dificuldades em frequentar bares sem fazer uso de álcool. Mencionou que sente a necessidade de mudar os hábitos de frequentar estes ambientes para conseguir permanecer com o consumo de álcool reduzido.

Oliveira (2009) apud Silva e Luz (2015), afirmam que mudanças de hábitos e o apoio das pessoas que o indivíduo se relaciona são maneiras de ajudar o usuário em sua abstinência, o que contribui no processo de tratamento. Por abstinência entende-se o tempo que o sujeito consegue manter-se sem a substância.

Dentre as consequências que a bebida trouxe para Paulo, os prejuízos materiais receberam um destaque ao longo da entrevista. Um dos exemplos disto, foi o exposto acerca de danos no automóvel, isto é, dirigindo embriagado, o entrevistado teve não

somente prejuízos materiais como um risco para a própria vida. “...eu usava o carro da minha mãe, e já peguei várias vezes ele bêbado e já arranhei carro, quebrei retrovisor em poste e tal”.

Segundo o CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas) (2010), os efeitos da ingestão de álcool podem ser percebidos no indivíduo em função das alterações que ocorrem em seu estado como: euforia, desinibição, falta de coordenação motora, descontrole e outros.

4.3 O trabalho offshore e o alcoolismo

Brites e Abreu (2014), afirmam que quanto maior o tempo de vinculação à empresa contratante, submetido a um desgaste emocional, menor é a capacidade de domínio de sua própria vida, o que contribui para o uso nocivo de álcool. Em função disso, as entrevistas incluíram o questionamento sobre o tempo em que os entrevistados estavam inseridos no setor offshore, e alcançou-se o dado de que ambos estão vinculados a este setor há aproximadamente 8 anos.

Acredita-se segundo a consciência dos pesquisadores que o alcoolismo na realidade offshore, pode não ter necessariamente iniciado no exercício deste ramo de trabalho, mas sim, tratar-se de uma experiência com o álcool, anterior a esta vivência profissional. Neste sentido, a indagação a respeito do momento em que o indivíduo iniciou o consumo de álcool, tinha a finalidade de identificar padrões de consumo de álcool que teriam começado no trabalho offshore, ou em detrimento desta prática de trabalho. Foi relatado tanto por Paulo como por Lucas, que o contato com o álcool ocorreu antes da experiência como trabalhador offshore.

Os resultados obtidos sugerem que a iniciação no ramo offshore, tendo uma experiência anterior com o uso de álcool, possibilite a hipótese de que indivíduos aumentem o consumo nocivo da substância, quando de inícios dos embarques. Com isto concordam Vidal, Abreu e Portela (2017), afirmando que o trabalhador offshore está mais suscetível a busca por uso de substâncias diante dos aspectos psicossociais referentes a esta condição de trabalho. Desta forma se faz importante ações em prol da saúde do trabalhador por parte das organizações de trabalho.

Devido ao consumo de álcool pregresso pelos trabalhadores indagou-se a respeito do trabalho offshore como um elemento impulsionador ao consumo nocivo de álcool. Paulo e Lucas compreendem que as condições do trabalho offshore potencializam o aumento da ingestão de álcool.

No caso do estresse, estudos como os de Vidal, Abreu e Portela (2017), partiram de pesquisas de campo para afirmar que existe uma estrita relação entre o estresse no trabalho offshore e o consumo de álcool destes trabalhadores. Afirmam ainda que sujeitos com alto nível de estresse no trabalho possuem três vezes mais probabilidade de desenvolver padrão de consumo nocivo de álcool quando contrastados aos trabalhadores de menor nível de estresse.

Segundo Carrillo e Mauro (2003) apud Lopes (2011), o estresse gerado pelo trabalho configura-se em vulnerabilidade colocando o indivíduo mais suscetível ao uso nocivo de substâncias.

Nos discursos de um dos entrevistados, foi possível identificar certos níveis de insatisfação com o trabalho. Ao manter um vínculo laboral atravessado pela experiência da insatisfação, o trabalhador fica mais suscetível a uma série de sentimento correlatos ao sofrimento psíquico. Acredita-se ser este o caso de Paulo, no que tange ao objetivo principal desta pesquisa a saber encontrar possíveis relações do trabalho offshore e o alcoolismo, embarcar e desembarcar anos “a fio” pode ter levado Paulo a um nível de sofrimento psíquico tão significativo que seus problemas com o álcool foi gradativamente se potencializando.

Barbosa et al (2011) apud Silva e Luz (2015) corroboram com esta ideia ao afirmar que o indivíduo pode ser impulsionado ao consumo nocivo de álcool por variados motivos, podendo mencionar alguns exemplos como o sofrimento, a angústia, a baixa resistências às frustrações, a tensão e o sentimento de fuga da realidade.

Em pesquisa realizada por Figueiredo (2015), no qual foram entrevistados vinte trabalhadores do setor offshore que expõem características desta prática laboral, pode-se identificar que alguns indivíduos após o desembarque se direcionam à um bar, retornando à sua residência somente no dia seguinte. Ou ao contrário, o colaborador nos momentos que antecede o embarque pode encontra-se na TPE (tensão pré-embarque) e fazer o uso de álcool. Com isso ocorre a possibilidade de se dirigir ao aeroporto para embarcar ainda com sinais de embriaguez. Ao buscar o álcool como um mecanismo de defesa para a tensão pré-embarque, o trabalhador pode ver-se na situação de se dirigir ao aeroporto para embarcar ainda sob os efeitos da embriaguez.

Um dos entrevistados descreveu um episódio o qual teria embarcado ainda embriagado. O trabalhador atribuiu a causa desse episódio ao fato de não ter escala fixa o que dificulta o preparo prévio ao embarque. A questão mais grave que aqui se coloca diz respeito as primeiras ações deste trabalhador no momento. do seu embarque, que podem ter sido afetadas por esse estado recente de embriaguez, aumentando significativamente os riscos para o trabalhador e para o ambiente de trabalho em geral.

Um outro estudo que tem o sofrimento psíquico como causador do consumo indevido de álcool é a pesquisa desenvolvida por Brites e Abreu (2014) que afirma que consumo de álcool pode estar relacionado a forma de lidar com o sofrimento psíquico, exaustão emocional, questões relacionadas ao trabalho, e/ou as condições em que este trabalho é realizado.

Sintomas como tremores, sudorese, náuseas, e outros sinais de abstinência podem se manifestar em função ao uso excessivo de álcool acreditam Heckmann e Silveira (2009). Para estes autores esses sinais podem ser percebidos também em aspectos psicológicos como uma crescente ansiedade, humor depressivo, irritabilidade e alterações no comportamento.

Ao longo das entrevistas um dos assuntos de grande relevância que figuraram na fala dos sujeitos diz respeito as sensações do trabalhador no período abordo. Lucas tentou descrever o que chamou de sensação de tempo perdido durante o período abordo somando a este desconforto a privação de lazer. Pela teoria já descrita neste artigo, acredita-se que esta percepção pode colocar este trabalhador no nível de extrema vulnerabilidade ao uso de substâncias, como por exemplo o uso excessivo de álcool. Nestes caso o álcool pode ser utilizado como um elemento compensatório diante do desprazer em função das aflições do confinamento.

Leite (2006) apud Vidal (2014), afirmam que o consumo excessivo de álcool pelo trabalhador offshore pode se desenvolver como uma forma de defesa e enfrentamento diante de uma aflição e ansiedade devido aos procedimentos de trabalho, ou como forma de “aproveitar o tempo”, tendo em vista que muitos trabalhadores entendem o tempo em que ficam embarcados como perdido.

A hipótese inicial da investigação que se descreve no presente artigo aponta para possíveis impactos na prática do trabalho em função do uso nocivo de álcool, sendo assim geradores de prejuízos na atividade realizada pelo trabalhador na plataforma ou no navio. Mas a análise de conteúdo nos revelou que estes trabalhadores percebem prejuízos no desembarque. Os indivíduos não associam o uso de álcool a qualquer tipo de dano em sua prática laboral.

Acredita-se que existam efeitos gerados no padrão nocivo de consumo de álcool que podem manifestar-se no período em que o sujeito esteja embarcado, ainda que o mesmo não faça uso de álcool a bordo. Ou seja, não ter a consciência desta afetação não o isenta das repercussões do uso excessivo de álcool realizado quando esteve em terra.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desta pesquisa, pode-se considerar que o trabalho offshore faz parte de um seguimento profissional que apresenta uma série de características peculiares intervenientes na dinâmica de vida do indivíduo. Estes impactos se fazem presentes não somente quando o sujeito se encontra embarcado, mas também o afeta ao retornar à sua rotina após o desembarque.

A intensão deste estudo não se restringia a discussão das causas do alcoolismo no trabalho offshore, a proposta era refletir os aspectos que relacionam esses dois fenômenos, a luz da experiência do trabalhador. O objetivo da pesquisa em refletir esta relação, pode-se dizer que foi alcançado.

No caso de Paulo e Lucas o consumo de álcool já acontecia anteriormente a sua inserção no ramo offshore, entretanto, foi possível concluir que as características do trabalho offshore, atuaram como um elemento potencializador para o aumento do consumo de álcool, pois a substância pode parecer ao trabalhador como uma forma de aliviar as tensões do trabalho.

Ficou claro que as condições do trabalho offshore, como o confinamento, a privação de atividades de lazer, a exposição a fatores de riscos, provocaram nos trabalhadores várias sensações e sentimentos que os colocaram em situação de maior vulnerabilidade ao consumo nocivo de álcool, como o alto nível de estresse, a insatisfação no trabalho, sensação de tempo perdido e outros.

Em função da grande relevância do ramo offshore para região de Campos dos Goytacazes, imaginou-se que o número de pesquisas empíricas envolvendo os trabalhadores desse seguimento fosse maior do que o que de fato foi possível identificar. Espera-se que, assim como esta pesquisa, outras possam ser utilizadas tendo como foco de estudo estes fenômenos e estes sujeitos.

As informações reunidas nesse estudo podem favorecer a profissionais de psicologia e de outras áreas do conhecimento, em seus esforços diante de trabalhadores que vivenciam de alguma forma a realidade offshore. Entendeu-se que um dos acertos da presente pesquisa implica uma metodologia que valorizou a experiência subjetiva do trabalhador expressa no seu discurso, o que pode ajudar a uma produção de conhecimento e a reflexão sobre ações cada vez mais próximas a realidade do trabalhador. Os resultados sugerem uma ampliação da contribuição de profissionais de Psicologia e áreas afins em seus esforços diante da referida categoria.

Na elaboração deste estudo percebeu-se a dificuldade em encontrar trabalhadores do setor offshore que se colocassem disponíveis a falar sobre sua experiência com o consumo de álcool. Quanto a limitação desta pesquisa entende-se que o número da amostra pode ser maior para estudos futuros, como também a aplicação de outras metodologias de coleta de dados que possibilitem uma comparação dos resultados e realização de uma pesquisa com indivíduos que se auto relatem alcoolistas neste momento. Diante disso, compreende-se a importância de estudos posteriores nesta direção.

6- REFERÊNCIAS

ANTONIOLLI, C.A.S; EMMEL, S.V; FERREIRA, G.E; PAZ, P.O; KAISER, D.E. **Trabalho offshore e a atuação do enfermeiro embarcado: uma revisão integrativa.** Rev Esc Enferm USP; v. 49, n. 4, p. 689-69, 2015.

BRITES, R. M. R; ABREU, A.M.M . **Padrão de consumo de bebidas alcoólicas entre os trabalhadores e perfil socioeconômico.** Acta paul. enferm. [online]. v.27, n.2, pp.93-99, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201400018>.

CARVALHO, M.M. **Vida e trabalho de marítimos embarcados do setor offshore.**74. [Dissertação] FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz– Rio de Janeiro: s.n., 2010.

CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Departamento de Psicologia – **Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas,**

leitura recomendada para alunos a partir da 6ª série do ensino fundamental.
UNIFESP, boletim 64-65, 2010

COSTA, W. R. da, BELO, R. P., SALES, M. dos S., SALES, I. de C., & RODRIGUES, P. N. **Trabalho Noturno: seus efeitos na saúde dos trabalhadores da área de saúde na cidade de Parnaíba-PI.** Revista Perspectivas online: Humanas & Sociais Aplicadas, v. 8, n.21, p.37-50, 2018.

FIGUEIREDO, M.G **Trabalho, saúde e ação sindical na atividade petrolífera offshore da bacia de Campos.** Revista Ciências do Trabalho, n. 4, 2015.

HECKMANN, W; SILVEIRA, C.M. **Dependência do álcool: aspectos clínicos e diagnósticos.** In: Andrade AG, Anthony JC, Silveira CM. Álcool e suas consequências: uma abordagem Multiconceitual. Barueri (SP). Minha Editora, p. 67-87, 2009.

LOPES, A.P.A.T; GANASSIN, G.S; MARCON, S.S & DECESARO, M.N. **Abuso de bebida alcoólica e sua relação no contexto familiar.** Estudos de Psicologia. v. 20, n.1, p. 22-30, 2015.

LOPES, M. **Uso de álcool, estresse no trabalho e fatores associados entre servidores técnico-administrativos de uma universidade pública** [dissertação]. Ribeirão Preto, SP: Universidade de São Paulo; 2011.

MADERS, T.R. & COUTINHO, M.C. **Sentidos de tempo livre para trabalhadores offshore.** Estud. psicol. (Campinas) [online]. v.34, n.1, pp.53-62, 2017.

MARQUEZE, E. C. & MORENO, C. R. C. **Satisfação no trabalho - uma breve revisão.** Rev. bras. saúde ocup., v. 30, n. 112, p. 69-79, 2005.

MOREIRA, I.G; FERREIRA, A. S; NASCIMENTO, D.C.O. **Análise da qualidade de vida no trabalho offshore em empresas de Macaé e Rio das ostras.** In. 13º CONVIBRA –ADMINISTRAÇÃO, 2016

REQUIÃO, D. H. **O uso, abuso ou dependência de álcool.** Coleção Agrinho, p. 329-355, 2014.

SILVA, C.M **Causas de sofrimento no trabalho em uma organização bancária,** 2016. (monografia). Universidade de Brasília – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade Departamento de Administração. Brasília (DF).

SILVA, V.X; LUZ, H.H.V **As implicações do alcoolismo na vida social e familiar do indivíduo dependente.** Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto do Itajaí – UNIDAVI, p. 15, 2015.

SPAGNOL, C.A. SANTIAGO, G.R. CAMPOS, B.M. BADARÓ, M.T. VIEIRA, J.S. SILVEIRA, A.P.O. **Situações de conflito vivenciadas no contexto hospitalar: a visão dos técnicos e auxiliares de enfermagem.** Rev. esc. enferm. USP, v.44, n. 3, 2010.

TARGUETA, S. B. de J., SOARES, A. P. de F., NASCIMENTO, J. R. do, da HORA, H. R. M., & COSTA, H. G. **Requisitos das normas de um SGI versus Requisitos dos clientes: Um estudo de caso em uma empresa do ramo offshore.** Revista Perspectivas online: Humanas & Sociais Aplicadas, v. 4, n.9, p.1-13, 2014.

VIDAL, J.M. **Saúde e padrão de consumo de álcool em trabalhadores offshore.** Universidade Federal do Rio de Janeiro – Escola de Enfermagem Anna Nery. [dissertação]. Rio de Janeiro, (RJ) 2014.

VIDAL, J.M; ABREU, A.M. & PORTELA, L.F. **Estresse psicossocial no trabalho e o padrão de consumo de álcool em offshore.** Cadernos de Saúde Pública;33(6):e00116616. 2017 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X2017000606001&script=sci_arttext